

# A LAGRIMA

PUBLICAÇÃO QUINTZENAL RECREATIVA

ANNO I—N.º 22 | Barcellos, 12 de Março de 1893 | CADA N.º 10 rs.

## PEQUENA CHRONICA

Está uma noite serena. A agua do Cavado cabe dolentemente no agudo, ciciando um cantico demorado, monotonos nos tons, mas suavissimo na escala chromatica da sentimentalidade. Vae assim, rio em fora, como uma freira pallida e hysterica no dorso d'uma mula corredôra, em noite luarenta, fugindo ao claustro, nos braços salvadores do seu enamorado.

Nas ruas, uma paz do pantano. Socoço de carbunculo. A gente dorme, e os ladrões assaltam as casas. E a policia dorme tambem. Somno bom; somno amigo; a paz d'espírito. Cada qual governa-se; cada qual precata-se.

A Azambuja mudou de residencia. Barcellos agazalhou-a, que é *hospitaleiro*...

Cantam por entre as goiras do centeio verde uns grillós pipiriantes. Ouvem-se distinctamente, alli para as bandas da Ordem.

Latem os cães; os sapos, os ralos, toda essa familia cantante das noites luarentas, das noites mornas, desempenham uma symphonia aperitiva, que sugestiona os seus sentidos. E os ladrões lá vão caminhando, cozidos ás paredes musgosas, em busca do descuidado, em busca do dorminhoco, na pista das salgadeiras, dos poleiros, das abegoarias mal seguras, das gavotas mal fechadas.

+

Sahiu a procissão de Passos.

Boas figuras; posições de theatro de aldeia, actores de fóra, espanando cor-

tinhas, luvas do trinque: anjos bonitos, a mirar-se já um pouco para a sombra...

Digo para a sombra porque este anno sempre veio uma restea de sol doutrar a imagem esculturalmente bem feita do Christo.

Ora, dizem-me que foi por ser o ultimo anno do actual triumvirato da meza. Que o sol está prelibando já as delicias da retirada do Falcão.

Sendo assim, temos que o sol tam bem sabe philosophar: veio *esfregar as mãos* do contente...

+

Litteratando:

O Manoel da Graça vai publicar um livro de versos.

Não é necessario figuras de rhetorica: dispensem-me os tropos. Manoel da Graça é orador de comícios; recorta phrases longas, gestos largos e posição de tribuno em saraus e datas d'associações; tem escripto com todos os tons, desde o *bé mol* da paixoneta, ao *fú sus-tenido* da pomelia em a «A Comedia d'Hoje». Tem feito versos numerosos, desde o acrostico ás actrizes, até aos improvisos a Colombo. Manoel da Graça é artista.

O seu livro deve ser, portanto, um quadro, um retabulo, um painel.

As cores variarão, desde as do arco-iris até á do açafraão.

Eu felicito... o Manoel da Graça.

+

Para a alma:

Vae a quaresma em mais de meio. A alma tem agora a sua estação banear. É preciso leval-a ao mar espiritual da

crença, entregal-a ao grande banheiro Immortal.

O tempo convida. Parece que a atmosphera toca violino gemente, em accordes suavissimos com as brizas perfumosas. As arvores e as flores abroham n'uma expansão de vida nova...

A alma quer tambem vida nova. Remoçar na Fé; expandir-se na virtude.

E, então, a alma portugueza, que está anemica, com encarquilhada pelle em contaminados ossos!

Primavera para a crença. Primavera para a Patria.

Z. Saramago.



**ENYGMATA**

(Greve...)



(Não se publicam as decifrações d'estes enygmata). A decifração do publicado na 4.ª pagina é: —Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita.



**SAUDADE**

«Saudade; mavioso nome que tão meigo sãoas.»  
Camões.

Saudade, mavioso ser que tantas vezes desperta em nosso coração e que enleando-o nos conduz arrebatados pelo seu impeto á patria querida, ao pé da

familia, da mulher amante, quando ha muito amor e a auzencia é longa. A auzencia e o amor são os paes da saudade. A saudade habita no homem como em natural centro e apodera-se d'elle, confrange-o e torna-o humilde, quando os revezes da vida o obrigam a abandonar os affagos d'uma extrema-sa mãe, os carinhos de uma desvellada esposa, quando a sorte avara lhe rouba do seu convivio um ente querido, ou quando é obrigado a abandonar a patria amada, a patria que tão querida lhe foi.

Barcellos.

João C. da Cruz.



**Galeria de homens  
Illustres de Barcellos**

XIII

**Crequinha**

Nas columnas do nosso pequeno jornal temos da melhor vontade, de bom grado, feito as apreciações devidas aos homens, que mais brillantemente teem sabido collocar-se e distanciar-se no mundo da inspiração e do genio, tornando-se dignos da terra que os viu nascer.

Barcellinhos, a formosa freguezia d'álem Cavado, que ouve como nós o murmurio poetico do crystalino rio, que compartilha dos nossos prazeres, das nossas festas, encerra d'entro dos seus muros um vulto gigantesco, em summa um heroe, bem digno de ser posto á frente dos vultos mais illustres biographados no nosso jornal—o Crequinha.

N'uma manhã do sorridente maio de 1868, nascia como nasce o rei

## A Lagrima

dos astros no meio d'uma symphonia natural produzida pelos beijos da briza nas verdejantes folhagens do arvoredado e pelos ternos gorgocios das avesinhas, um pequenino ente, miniatura d'um colosso, grande na alma, elevado na inspiração, e incomparavel nas façanhas.

Filho de pais humildes, muito honrados, foi crescendo como a bonina no prado, cercado pelos afagos da familia e pelos beijos dos visinhos que o estremeciam.

Tinha começado a vida d'um ente que devia ser o assombro de quantos o conhecessem. Pequeno, contando ainda 4 annos, diz-se que quando o dia era annunciado pelo prehistorico cantico do gallo, e quando os passos dos primeiros madrugadores se ouviam pela rua, já o pequeno Crequinha contemplava os astros que desapareciam no firmamento, invocando o pai com o seu ditoso *Chim Pá*, paterno de que se servia para chamar o auctor de seus dias.

Frequentou com assiduidade as aulas d'instrucção primaria, fazendo exame em Braga em 1884, e matriculando-se em seguida na extincta aula de latim, d'esta villa, a fim de aprender a leitura d'aquella lingua morta, para poder facilmente cantar o *Dé profundis* pelas egrejas e a rezar costumada no cora do Bom Jesus da Cruz. Foi corista.

Conta-se que o Crequinha, quando gosando dos seus privilegios pelos enterros, ao retirar-se para casa

com o bolso recheado pelos cobres e a sacola preneha com as fartas *e ollações*, arranjava com as suas artimanhas de raposa, a sugar aos collegas os productos do seu canto, ja por meio d'apostas, já com o baralho das cartas que elle muito bem sabia manejar. O producto d'estes feitos eram applicados n'uma bôa gallinha ou frango, que no mesmo dia se comia em familia. Os progressos faziam-se no *Chim Pá* tão rapidos como o apparecer e desaparecer do relampago.

Aos 12 começou a dar provas de grande habilidade na arte que hoje professa—barbeiro.

Aos 15 começou a applicar-se á pesca e ahi, especialidade do heroe, começou a fazer progressos de ordem tal, que dentro em pouco satisfazia pedidos e mais pedidos para todas as cidades do Minho, do Douro e ainda de Traz-os-Montes. Era-lhe uma fonte de riqueza.

Aos 18 enamorado d'uma creatura Olimpica, enlevado pelos olhos de Cupido, desposou-se no meio de musicas, foguetes e grinaldas.

No *bijou* d'uma loja, que a custo arranjou no largo da Ponte, esfolava a cara dos freguezes e *tirava e limpava dentes com toda a perfeição*, dizia uma taboleta á parte.

Ainda ahi, quero dizer n'essa occasião, o bom do rapaz quando não tirava fructos satisfatorios do seu trabalho e, como era muito, muito amante da pinguleta, refugiava-se no rio aonde arranjava quatro ou cinco

barbos, duas panchor cas, tres escalos etc, etc com que a sua cara metade podia arranjar um opiparo jantar á sua sempre insaciavel pasna.

Aos 20, agora é que são ellas!, chama-o a corneta do exercito e elle, o manhoso, o finorio, procura um boraquinho por onde possa escapar-se. Nada vê que possa encobril-o de tão funesta sorte.

Um dia porem lampejou-lhe no cerebro, n'aquelle cerebro que tem mais circumvulsões que o d'um rachador de lenha a ideia de fazer cahir o cabello e a barba afim de poder escapar-se áquelle dever de sangue.

Dito e feito. Fez-se careca, e livrou-se do recrutamento. Mais uma victoria na historia de seus dias.

Em setembro de 1891, quando a influenza fazia a sua *visita sanitaria* pelas casas de quasi todos os cidadãos, morria de bexigas a cara metade do nosso desolado heroe.

(Continúa)

X



### PIADA

Plutam disse a Proserpina que quando o Borges mettesse a agua em Barcellos, cortava o peçoço!

«Então mata, esfolá,  
Dá a fatal tacada,  
..... carambola»

Zévil



### PERFIL

Chapeu molle, bengalla de Petropolis, cabello grisalho e charuto ao canto da bocca.

Tudo n'elle é graça, desde a palavra que faz relumbar por sobre as massas populares, até o pequeno escripto que lança á publicidade.

Expressão lata da modestia; não publica nada sem que primeiro submetta á apreciação dos seus amigos.

Zévil.



### Phrases e conceitos empregados por bons escriptores

#### DO MINHO PITTORESCO

1.º vol.

...tons magicos dá a esta paisagem a hora meigamente lyrica do crepusculo!

...foram estas freiras... removidas para Braga e consta que não fora o motivo dos mais piedosos, visto que a estamenha do habito não podia encobrir já historias galantes de amores, que se abriam em numerosos capitulos pelas cellas reconditas do convento!

... a sua imaginação voara para esse paiz formoso da chimera, em que a felicidade e a fortuna sorriem o sorriso feiticheiro da alegria...

... delicioso effeito de paisagem...

.. espiritualizados pelo fresco summo da parra.

O nome de Porreiras,—cuja euphonia, por ferir um pouco os ouvidos melindrosos da decencia,...

..as musicas estrondeiam harmonias...